



UMA LEITURA DO MUNDO (A READING OF THE WORLD)

César Luiz Oliveira VIEGAS (UNIGRAN)

ABSTRACT: "Nobody is born able how do read, one learns how to read as long as one lives". Based on Marisa Lajolo, there will be an attempt to present background knowledge and its processment, development and social influences on the critic reader's formation

KEYWORDS: reading; influences; importance; acquisitive process.

0. Introdução

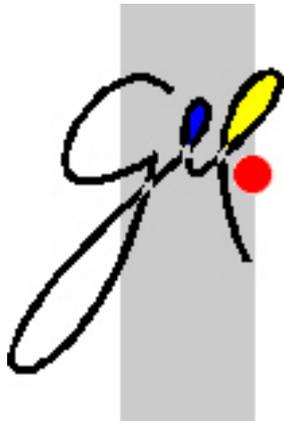
A leitura que será abordada aqui passa pela concepção que a escola priorizou (se não prioriza ainda) e será conduzida ao entendimento que se pretende desenvolver – a leitura do mundo –. Para tanto, far-se-ão observações a partir da leitura de obras de autores como Ezequiel Teodoro da Silva, Marisa Lajolo, Paulo Freire, dentre outros. Tentar-se-á discutir a questão a partir de aspectos divergentes entre a leitura proposta pela escola, passando pelos pontos de junção, de dependência e relacionamento entre essa e a leitura do mundo – concebida como a habilidade natural que o indivíduo detém e que o capacita a interagir no seu meio –. Da concepção, "a leitura do mundo precede o leitura da palavra", segundo FREIRE (1992:11), serão abordados pontos como o processo aquisitivo, as influências da sociedade na formação desse leitor, a importância dessa aprendizagem e as possibilidades de utilização dessa capacidade individual a fim de que o leitor habilite-se a realizar uma leitura crítica da sociedade e dos fatos sociais. Pretende-se, ainda, apresentar pontos que remetam ao entendimento de que essa leitura é pré-requisito à aquisição dos mecanismos e conhecimentos propostos pela escola.

1. Perspectiva Teórica

1.1. A leitura – uma definição

A qualquer pessoa que se questione acerca de qual seja sua visão, seu entendimento de leitura, primeiramente, o que vem à mente é de que é aquilo realizado a partir de livros, jornais, revistas etc. Mas, como nos relata MARTINS (1994:31), a leitura, dentre tantas concepções possíveis, pode ser sintetizada:

“1) como decodificação mecânica de signos lingüísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta (perspectiva behaviorista-skinneriana);



2) como processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica).”

Dessas duas concepções, e com base também em outros autores, é possível estabelecer-se comparação entre elas de modo que, para uns, a leitura é decodificação, decifração, enquanto que, para outros, é a percepção do sentido oculto dos seres, dos objetos, do mundo, aos quais a leitura constitui uma ponte que estabelece o acesso ao saber.

É interessante que haja um entendimento de que o conceito de leitura tem se alterado no decorrer do tempo. Essas mudanças de entendimento têm levado o indivíduo a desenvolver, de acordo com ZILBERMAN (1988:17), “uma concepção de leitura segundo a qual o ato de ler qualifica-se como uma prática indispensável para o posicionamento correto e consciente do indivíduo perante o real” e, diante dela, vê-se impulsionado a posicionar-se criticamente. Assim, o leitor desenvolve-se e torna-se único, diferente, singular, dotado de uma percepção que o individualiza e o torna capaz de posicionar-se, não apenas diante do objeto (que pode ser o livro), mas perante as idéias veiculadas nele.

Entretanto, mesmo havendo essa constatação, parece que a escola não tem se preocupado com essa prática, permanecendo, ainda, priorizando só o treinamento da decodificação dos signos (gráficos ou pictóricos), descuidando desta modalidade – a leitura do mundo –, que se considera a mais importante, que proporciona ao leitor a percepção de novos e variados horizontes culturais. Há que se implementar esse modo de conceber a leitura e praticá-lo efetivamente.

1.2. A leitura do mundo

Para que a escola implemente essa leitura voltada ao desenvolvimento do indivíduo, faz-se necessário que passe a reconhecer que o indivíduo é dotado de conhecimento adquirido anterior à escolarização, que valorize a leitura que ele faz cotidianamente. Se Paulo Freire, após muitos anos de pesquisa, chegou a essa conclusão, percebe-se que não se trata de pura especulação, mas de um fato. Assim, cabe a percepção de que essa leitura, que é aprendida antes daquela ensinada pela escola, tem que ser compreendida e atualizada conforme as necessidades escolares.

É fato que a sociedade, seja ela qual for, é composta por indivíduos que têm algo em comum, que compartilham de conhecimentos. No intuito de interagir no meio no qual está inserido, faz-se necessário que o indivíduo perceba as características de cada ambiente (família, trabalho, igreja etc.) e tente adaptar-se a fim de poder nela se inserir e lá permanecer – coisa que não é fácil –. Então, a capacidade de percepção, de entendimento que o indivíduo demonstra ter e que o habilita a participar desses círculos sociais nada mais é que a leitura do mundo; leitura essa que, se não for realizada com habilidade e eficiência exclui o indivíduo do círculo pretendido e que, portanto, faz-se essencial a sua interação com os demais integrantes do círculo. Desse modo, fica



evidente que se não houver entendimento, compreensão, não há relacionamento e, assim, a sociedade se desfaz.

Percebendo-se toda essa multiplicidade de acontecimentos que se apresentam ao homem, parece inconcebível que somente haja leitura quando houver o posicionamento dele perante um livro, um cartaz, uma revista, uma cardápio etc., ou seja, mediante uma simbologia gráfica prévia e arbitrariamente determinada e que é apresentada pela escola, até mesmo porque, desse modo, estar-se-ia excluindo do processo de aprendizagem exatamente as situações para as quais a aprendizagem da leitura é fundamental, senão, como diz MARTINS (1994:7), “Como explicaríamos as expressões de uso corrente ‘fazer a leitura’ de um gesto, de uma situação; ‘ler a mão’, ‘ler o olhar de alguém’; ‘ler o tempo’, ‘ler o espaço’, indicando que o ato de ler vai além da escrita?”. Se todas essas situações não se referirem à leitura, então a que tipo de ato humano estaria sendo representado?

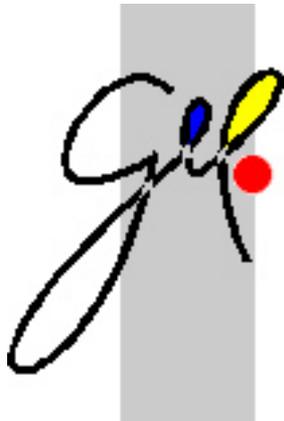
Acredita-se que todos esses aspectos somente comprovam que, a todo o momento, o homem realiza leituras, sejam elas visuais, táteis, auditivas, olfativas, gustativas ou dedutivas, e que, a partir delas, estabelece o seu arbítrio, determinando o que é ou não de seu interesse. E, dessa forma, pode-se conceber a leitura como, primeiramente, o que acontece diante do indivíduo, depois, o modo como se organiza e sua localização dentro de um espaço e tempo determinados, o que leva à compreensão de que ler é sentir, é emocionar-se, é sensibilizar-se com o mundo que se mostra. A partir disso, fica claro que a leitura não é algo restrito, e muito menos e tão-somente aos bancos escolares, mas um conjunto de ações e sentimentos que requerem do indivíduo uma entrega total e a posse de todos os sentidos a ponto de colocá-lo em sintonia com o que acontece em derredor.

Assim, percebe-se que todos esses aspectos levam a crer que a leitura influencia diretamente a formação do social, isto é, nas palavras de MARTINS (op. cit.:30), “o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido”.

Então, mais do que nunca, o que é lido e o como é lido têm uma relação intrínseca e indissociável, entretanto, não imutável, que deveria ser repassada a cada um dos integrantes de cada sociedade, de modo que ao leitor seja possível fazer as devidas adequações a fim de atender ao requerido. Percebe-se que, ao leitor, faz-se necessário uma percepção crítica de que a concepção de leitura deve remetê-lo à compreensão de que é imperioso que estabeleça uma relação dialógica ou de troca entre ele e o objeto lido – a sociedade – e que é requerida de si uma leitura específica adequada à ocasião.

Há situações de aparente simplicidade que requerem uma leitura específica de suas características, a fim de que o leitor seja habilitado a interagir de modo satisfatório. Visando a um melhor esclarecimento, serão apresentadas algumas situações vividas, dia a dia, por um indivíduo:

Família: momento no qual o leitor trava os primeiros contatos com a sociedade – a mais elementar delas –, é quando ele começa a receber os conhecimentos iniciais, a ter as primeiras experiências no seio da sociedade que o acolhe. É aí que a si são expostos os aspectos da linguagem – oral, escrita, etc. –, nele há pessoas lendo e



escrevendo a sua volta. Nesse instante, passa a perceber que, em cada situação que se lhe apresenta, é requerido um procedimento adequado ou específico e que tem que adequar-se a ele a fim de integrar-se. Dessa observação, e a partir das atitudes dos outros em relação a si, é que o leitor vai desenvolvendo uma autoconceituação.

Escola: nesse momento, os critérios sociais familiares já não são suficientes, ou seja, há necessidade de que sejam desenvolvidos conceitos como civilidade, respeito, direito do cidadão, entre outros, de modo que haja um ajustamento, um condicionamento ao grupo. Para a obtenção desse intento, o indivíduo há que realizar a leitura adequada à situação, pois, conforme ZILBERMAN (1998:30), “pertencem ao ato de ler duas situações simultâneas e antagônicas: atitude solidária e individualista, a que se soma um esforço de convivência e solidariedade.”

Assim sendo, cabe ao indivíduo proceder de modo seletivo no intuito de obter o seu intento – a interação social –, ou melhor, transformando ou adequando a sua individualidade à coletividade requerida pelo meio. Caso não seja assim, todos os esforços visando à convivência em sociedade estariam malogrados.

Além dessas situações, poder-se-ia arrolar outros tantos como os ambientes que se lhe apresentam, a saber: a igreja, o clube, o parque, o cinema etc. Mas, o que disso mais interessa é a constância com que se apresenta a necessidade de adaptação ao círculo social pretendido. Ao desenvolver essa capacidade, o indivíduo está fazendo da leitura um exercício espiritual, ou melhor, está realizando leituras não para a literatura, mas para a vida, tornando-se, assim, apto a compreender o mundo.

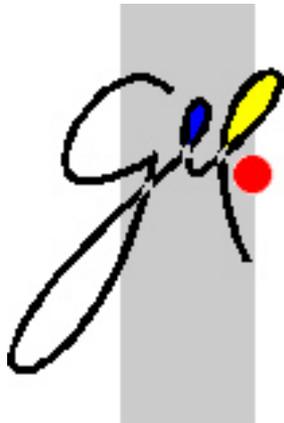
1.3. A aquisição

Dessas situações, pode-se depreender que, em todas elas, há leituras e que são diversas, até mesmo, e porque não dizer principalmente, antes da aquisição dos mecanismos propostos pela escola, e que a leitura é uma atividade ideovisual que há nas coisas simples como a identificação de determinado produto (simbologia, colorido, som etc.); assim sendo, supõe-se que o desenvolvimento da capacidade de leitura se processa mediante todo e qualquer relacionamento indivíduo-objeto que resulte nalguma forma de compreensão das impressões geradas por esse contato. Acredita-se que isso se dá:

Voluntariamente: quando, por meio da vontade, o indivíduo busca a obtenção do conhecimento para atender aos mais variados objetivos. A aprendizagem, de um modo geral, dá-se a partir do momento em que o ato de ler passe a ser uma necessidade concreta para a aquisição de significados, então, assim se estabelece uma predisposição à aquisição do conhecimento exposto.

Involuntariamente: é a aquisição de conhecimentos e habilidades por meio da exposição ao objeto, a capacidade perceptiva que o indivíduo adquire e desenvolve por meio do emprego dos sentidos, pois, a mensagem a ser lida é sempre facilmente encontrada no mundo, ou seja, no seu cotidiano.

Está claro que não é mais aceitável a concepção de leitura que remetia à decifração, à decodificação, mas sim a que remonta às habilidades que o leitor tem de reconhecer as informações explícitas ou implícitas e o entendimento das variadas facetas do mundo e das suas características. Para tanto, faz-se necessário que, mediante



o contato com uma nova situação, um novo objeto, o leitor faça atualização do conhecimento que detém e que é esse conhecimento que viabiliza a possibilidade de interpretação do novo, porque, conforme FREIRE (op. cit.:20) “a leitura de mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”.

Assim, a leitura só é possível a partir de um conhecimento anterior, prévio, de mundo – aqui concebido por SILVA (1992) como algo não-pronto ou possuído, em direção do qual a consciência está sempre se dirigindo –, que possibilita a adaptação desse conhecimento ao que já possui.

2. O leitor crítico

Por ser mais adequado proceder de modo a não aceitar tudo o que a si é apresentado e por não ser conveniente que o homem faça uma leitura descompromissada de tudo o que acontece ao seu redor, cabe a cada um de *per si* adotar a leitura como uma conduta inteligente, por meio da qual possa interagir com o meio.

A partir disso, entende-se que o leitor deve procurar estar habilitado a utilizar, de modo coerente, racional e consciente, a sua responsabilidade perante o social e que dele, também, tem que partir as opiniões que podem mudar ou, ao menos, propor mudanças para que a sociedade da qual participa progrida em direção à conquista da liberdade de expressão.

Assim, estará desenvolvendo um processo de compreensão mais abrangente, por meio do qual o leitor contribui potencialmente a fim de apreender os mais variados modos de expressão humana e da natureza, pois, segundo BAJARD (1994:35), “Só se lê bem aquilo que se entendeu bem (...) só se profere bem aquilo que se entendeu bem”. E, havendo o entendimento efetivo de tudo o que ocorre ao redor do indivíduo, estará apto a contribuir de maneira efetiva para o desenvolvimento da sociedade, independente de qual círculo social estiver inserido, seja básico, seja complexo.

RESUMO: “Ninguém nasce sabendo ler, aprende-se ler a medida que se vive”. A partir dessa citação de Marisa Lajolo, tentar-se-á apresentar a leitura de mundo e seu processamento, desenvolvimento e influências sociais formação do leitor crítico.

PALAVRAS-CHAVE: leitura; influências; importância; processo aquisitivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAJARD, Elie. *Ler e dizer: compreensão e comunicação do texto escrito*. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção questões de nossa época).
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 27ª edição. São Paulo: Cortez, 1992. (Coleção questões de nossa época)
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo, SP: Ática, 1993. (Série Educação em Ação).



MARTINS, Maria H. *O que é leitura*. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção primeiros passos).

SILVA, Ezequiel T. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. 5ª ed. São Paulo: Cortez : Autores associados, 1992. (Coleção educação contemporânea).

ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. São Paulo: Contexto, 1988.